

Agatha Christie por Clarice Lispector: tradução, cultura e identidade

Nícea Helena Nogueira

Doutora em Letras pela UNESP, e pós-doutoranda em Ciência da Literatura pela UFRJ.
Professora do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

Resumo A tradução redefine a autoria na literatura e cria identidades receptivas à diferença cultural. A domesticação da tradução, ou seja, as mudanças semânticas que ocorrem nos textos originais ao serem traduzidos, prática que pode provocar a perda de elementos culturais implícitos na obra original, é o conceito que embasa este estudo analítico da tradução do romance *Curtain* (1975), de Agatha Christie, feita por Clarice Lispector, sob o título *Cai o pano* (1976). Sendo que a tradução literária trata de orientar todos seus esforços para o texto original, ou seja, o autor, o ambiente e sua época, observa-se como o processo de domesticação foi desenvolvido pela romancista brasileira e quais valores culturais e sociais estão embutidos na sua tradução dessa história policial da escritora inglesa.

Dentro da discussão sobre a formação de identidades culturais, considera-se que a tradução é tratada, constantemente, de modo suspeito porque domestica textos estrangeiros ao inserir nestes aspectos referentes à linguagem e relacionados à cultura que são passíveis de compreensão apenas para grupos específicos de leitores locais. A tradução possui um grande poder na construção de representações de culturas estrangeiras. O modo como um leitor, que nunca viajou para as Ilhas Britânicas e que não possui proficiência no idioma daquele local, conhece a Inglaterra e compreende a cultura do povo inglês está diretamente ligado à construção do discurso do tradutor de textos que se referem ao Reino Unido.

Dessa forma, as informações recebidas por esse leitor são dependentes das escolhas feitas pelo tradutor, tanto no que se refere ao vocabulário empregado quanto às noções que delineiam as características culturais descritas no texto traduzido. A responsabilidade do tradutor se acentua quando o texto é literário, já que aí temos uma carga cultural e sentimental mais pungente nas representações da identidade de um povo. No resultado do trabalho do tradutor, pode-se observar se suas escolhas aproximam a tradução à cultura da língua de partida ou se essas privilegiam a cultura da língua de chegada. Quando a aproximação do texto fonte é feita no sentido da cultura do leitor, e não do autor, temos o que o pesquisador em tradução Lawrence Venuti (2002) chama de domesticação da tradução. O oposto é chamado, nos Estudos da Tradução, de estrangeirização.

Este trabalho pretende analisar esse processo, tendo como objeto de estudo o romance *Curtain*, de Agatha Christie (1890-1976). A mundialmente famosa escritora inglesa de estórias policiais teve a maioria de seus livros inicialmente traduzida, no Brasil, por Clarice Lispector (1920-1977), nas décadas de 1960 e 1970.

A Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) guarda, entre os documentos pessoais da autora, uma certidão de inscrição de profissional autônomo, datada de 6 de fevereiro de 1975, em que consta, além do endereço, as atividades de “escritora de livros e tradutora”, exercidas por Clarice. A década de 1970 parece ter sido aquela em que Clarice mais se dedicou à tradução, uma vez que nesse período foi publicada a maioria dos textos traduzidos.

Curtain foi publicado, em nosso País, com o título *Cai o pano*, uma alusão ao final do último ato de uma peça teatral, já que narra o último caso de assassinato desvendado por Hercule Poirot, o mesmo detetive belga que havia protagonizado outros romances policiais de Agatha Christie. A tradução, lançada pela Editora Record, do Rio de Janeiro, apareceu no ano seguinte ao lançamento do livro na Inglaterra e no mesmo ano em que a dama do mistério morreu.

No livro, o capitão Arthur Hastings, amigo particular de Poirot que narra o romance em primeira pessoa, volta à mansão Styles St. Mary, cenário da primeira investigação em que trabalharam juntos vinte anos antes. A pedido do detetive, agora um policial aposentado, Hastings vai ajudá-lo a capturar um assassino em série pois Poirot acredita que ele vai matar novamente. Responsável por cinco crimes sem relação aparente entre si, o misterioso assassino também está hospedado na antiga propriedade que foi transformada em hotel. A verdadeira intenção do inspetor belga é matar o criminoso, chamado de X durante todo o romance, para impedir mais assassinatos, o que Poirot realmente faz ao final da estória poucas horas antes de ele próprio morrer, fechando assim a cortina

E qual é o resultado dessa tradução de Clarice Lispector? Quais foram as escolhas da autora de *Perto do coração selvagem* para a tradução de *Curtain*? Ela aproxima o texto final à escritora inglesa ou ao leitor brasileiro? Antes de tentarmos responder a esses questionamentos, atentamo-nos para o que a própria Clarice pensava da prática tradutória, que ela levava muito a sério.

Em 1968, Clarice publicou uma crônica na *Revista Jóia*, do Rio de Janeiro, intitulada “Traduzir procurando não trair”. O título da crônica propõe um intertexto com a famosa expressão italiana *traduttore, traditore*, que significa “tradutor, traidor”, isto é, quem traduz trai.

Na crônica, a escritora confessa o receio que sente nessa atividade: “Primeiro, traduzir pode correr o risco de não parar nunca: quanto mais se revê, mais se tem que mexer e remexer nos diálogos” (LISPECTOR, 1968). Nesse texto, Clarice também menciona a “necessária fidelidade ao texto do autor”, enquanto que, ao mesmo tempo, a língua portuguesa não traduz facilmente certas expressões típicas da língua inglesa, o que exige, ela mesma afirma, uma adaptação mais livre.

Entretanto, a leitura de *Cai o pano* não sugere que essa tenha sido a abordagem da tradutora. Os diálogos e descrições são fielmente reproduzidos no estilo de Agatha Christie e há passagens em que o leitor atento pode considerar a literariedade da tradução. C.L. mantém até os destaques em itálico do texto inglês, como se pode observar na frase em itálico na seguinte passagem que abre o primeiro capítulo de *Curtain*:

Who is there who has not felt a sudden startled pang at reliving an old experience or feeling an old emotion?
“*I have done this before...*”
Why do those words always move one so profoundly?
That was the question I asked myself as I sat in the train watching the flat Essex landscape outside (CHRISTIE, 2000, p. 1).

Em *Cai o pano*, lemos:

Quem nunca sentiu uma súbita pontada ao reviver uma velha experiência ou ao sentir uma emoção antiga?
“*Isso já me aconteceu antes...*”
Por que essas palavras nos tocam tão profundamente?
Foi essa a pergunta que me fiz, sentado no trem, olhando a monótona paisagem de Essex (CHRISTIE, 2004, p. 5).

No texto de Christie, o detetive belga está, constantemente, inserindo expressões em francês, sua língua mãe, nas suas falas: *bien entendu, en famille, mon cher, dépêchez-vous, très bon marché, à bientôt, cher ami, bon Dieu*, entre outras. A tradutora mantém todas essas expressões em francês e com o mesmo destaque recebido no texto em inglês.

Em contrapartida, outra preocupação da escritora brasileira é quanto à norma culta da língua portuguesa. “Tenho o maior respeito por gramática”, declarou a tradutora, “e prestando nunca lidar conscientemente com ela. Em matéria de escrever certo, escrevo mais ou menos certo de ouvido, por intuição, pois o certo sempre soa melhor” (LISPECTOR, 1968). Mesmo quanto às regras de pontuação, Clarice é cuidadosa ao transformar as aspas dos diálogos do inglês para os travessões no português.

Quanto a traduzir os romances policiais ingleses, escreveu na mesma crônica da *Revista Jóia*:

Prazer engraçado tive eu ao traduzir um livro condensado de Agatha Christie, encomendado por Tito Leite, diretor de Seleções. Em vez de lê-lo antes no original, como sempre faço, fui lendo à medida que ia traduzindo. Era um romance policial, eu não sabia quem era o criminoso, e traduzi com a maior pressa, pois não suportava a tensão da curiosidade. O livro esgotou-se rapidamente (LISPECTOR, 1968).

Diversos escritores brasileiros que atuaram, e atuam, como tradutores literários optam por ser “transformadores” e “domesticadores” de literatura estrangeira. Machado de

Assis, ao traduzir o poema “O corvo”, do escritor Edgar Allan Poe, transformou totalmente o texto do norte-americano (BARROSO, 2000). O autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* apresentou uma recriação poética dos versos de Poe que, até os dias atuais, gera polêmica entre os teóricos dos Estudos da Tradução e motiva estudantes, desta área, a desenvolverem trabalhos acadêmicos engajados na discussão do valor de sua tradução.

Já em 1950, Graciliano Ramos, na sua tradução de *A peste*, do existencialista francês Albert Camus, impôs o seu próprio estilo de escrita ao texto em português. Entre outros aspectos, a economia de adjetivos e superlativos, tão cara a Graciliano Ramos, aparece no texto traduzido de Camus (PEREIRA, 1992), domesticando, assim, o texto fonte.

Ao contrário desses, Clarice aproxima *Cai o pano* do texto de Agatha Christie. Com poucas exceções relacionadas a termos com implicação semântica, sua tradução é a cópia fiel do romance policial inglês. Essa opção de uma tradução praticamente literal nos leva acreditar que foi intenção da tradutora proporcionar ao leitor brasileiro um contato direto com o texto fonte, ou seja, que a leitura fosse de um texto de Christie e não de Lispector. Dessa forma, a escritora brasileira assegurou que a identidade cultural do romance não fosse alterada pela prática tradutória. A cultura estrangeira permanece, assim, intacta. O leitor da tradução de Clarice pode afirmar que conhece o texto de Agatha.

Referências bibliográficas

BARROSO, Ivo (org.). *O corvo e suas traduções*. 2. ed. São Paulo: Nova Aguillar, 2000.

CHRISTIE, Agatha. *Cai o pano*. 20. ed. Tradução Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

_____. *Curtain*. New York: Berkley, 2000.

LISPECTOR, Clarice. Traduzir procurando não trair. *Revista Jóia*, Rio de Janeiro, n. 177, maio 1968.

GOMES, André Luís. Entre espelhos e interferências: a problemática da tradução para Clarice Lispector. *Via Atlântica*. São Paulo, v. 7, p. 39-52. out. 2004. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via07/via07_04.pdf>. Acesso em: 7 maio 2005.

MILTON, John. *Tradução: teoria e prática*. São Paulo: Marins Fontes, 1998.

PEREIRA, Juvelina Zompero. *Graciliano Ramos, tradutor de Camus*. 1992. Dissertação (Mestrado em Letras, área de concentração em Teoria da Literatura) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 1992.

VASCONCELLOS, Eliane (org.) *Inventário do arquivo de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1993. (Série CLB, 5).

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. Bauru: EDUSC, 2002.